

"Não havia rancor nem amargura. Seu repertório era praticamente de fossa, que ela metamorfoseava. As músicas entravam lagartas e saíam borboletas..." (Mauro Rasi')

No livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905), o humor, definido por Freud como uma das mais altas manifestações psíquicas, é ilustrado na figura de um condenado que se dirige para a forca comentando que a semana está começando otimamente. Desde 1905 essa molecagem séria chamada humor já trazia consigo a marca indelével do realismo grotesco, que tinha na figura das velhas grávidas que riam de uma de suas mais privilegiadas imagens, pois que assinalava a ambivalência de um corpo que hospeda o berço e o sepulcro, um corpo onde a morte risonha parteja a vida; trazia, contudo, também, o estigma de mais nobre processo defensivo, ainda que, ao contrário da repressão, os afetos dolorosos não sejam negados, e sim enfrentados pela via do riso e da brincadeira.

Não obstante, e curiosamente, muitos anos e novos conceitos depois, Freud volta ao tema do humor, concedendo-lhe um texto exclusivo, embora pequeno, *O humor*, escrito em 1927. Recorrendo, uma vez mais, à paradigmática piada patibular, o saliente humor freudiano, que se apresenta lúcido e trágico, alegre e rebelde, jamais resignado, é favorecido por um superego afável e consolador, numa oposição radical ao superego sádico que permeara, até então, a teoria psicanalítica.

O que teria levado Freud a redigir um ensaio dedicado ex-

Humor: para além do riso atrevido, um jeito alegre de celebrar a vida

Resenha de Daniel Kupermann, *Ousar rir – humor, criação e psicanálise*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003, 384 p.

clusivamente ao humor, isso mais de 20 anos após ter abordado o tema no livro dos chistes? E o que ele pretendia ao publicar este ensaio concomitantemente à publicação de *O futuro de uma ilusão* (1927), e pouco tempo antes de *O mal-estar na civilização* (1930[1929]), e ao apresentá-lo no X Congresso Psicanalítico Internacional, justamente num momento em que se discutiam questões cruciais para a psicanálise?

Este é o enigma que Daniel Kupermann, resgatando do cativo o marginalizado humor freudiano, se propõe decifrar, com incontestável talento, ao longo das páginas de *Ousar rir – humor, criação e psicanálise*.

A partir destas indagações, o autor formula três questões – “Em que crê o humorista?”; “Por que contar piadas?”; e “Por que rir nas análises?”, percorrendo, para respondê-las, três grandes universos que se aliam e alinhavam: o metapsicológico, onde as dimensões ética, estética e política do humor se reúnem num entrelaçamento necessário à compreensão do processo de criação sublimatória em psicanálise; o cultural, na vertente de que o humor faz laço social; e o clínico, na concepção de que a prática psicanalítica visa oferecer ao analisando um saber alegre, definido

como um saber que contribui de fato para um aumento da potência de pensar e agir no mundo.

Se por um lado, heróis e humoristas têm no enfrentamento das intempéries do destino e do acaso os mesmos atributos de grandeza, elevação, dignidade e rebeldia, por outro, enquanto o herói trágico adotado por Freud se rebela e amaldiçoa a sua sorte, o anti-herói freudiano celebra a vida fazendo da própria morte uma pilhéria. Pensar o humor freudiano tomando como referência a piada patibular que o ilustra desde 1905, é pensar num modo alegre de viver a vida, de pensar o impen-sável, de falar do indizível. E é nessa forma de dizer, mais do que no próprio conteúdo do que é dito, que se configura a sua dimensão estética.

Nem fútil, nem resignado, o humor comporta ainda, na rebeldia que o caracteriza, a dimensão ética que o constitui, cujo sentido expresso por Freud é, mais do que o triunfo do ego, a afirmação do princípio de prazer, mesmo frente aos reveses do real. Essa mesma rebeldia, no entanto, aponta também para

a sua dimensão política, na medida em que, como ato político, o humor rasga o pano e desvela o fio que tece a trama do autoritarismo, do despotismo, da intolerância e da injustiça, provocando entusiasmo-afeto primordial na construção do laço social.

Entretecendo as dimensões ética, estética e política do humor com a sua metapsicologia, Kupermann, para comprovar a hipótese de que esta se oferece como paradigma para o entendimento do processo de criação sublimatória em psicanálise, rompe sumariamente com a tradicional noção de sublimação como processo de desertização da pulsão, para afirmá-la como potência criativa erótica, aproximando, para tanto, as noções de introjeção e simbolização, em sua cunhagem por Sándor Ferenczi, do conceito de sublimação na teoria freudiana apresentado em *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância* (1910) e, mais especialmente, em *Escritores criativos e devaneios* (1908[1907]), ensaio que consente ao autor traçar um paralelo entre o brincar infantil e o humor, e associar o humorista ao órfão, transportando-nos da ilusão fálica do herói, que acredita ser efetivamente o pai idealizado, à crença do humorista/órfão, que se sabe castrado, identificando-se até certo ponto com o pai. Nesse percurso, é contextualizada, também, a enigmática postulação de Freud, no texto de 1927, acerca do caráter benevolente do superego no humor, a partir da diferenciação sugerida por Lacan, entre o superego que recalca e o ideal do eu que sublima.

A travessia dos conceitos que alicerçam o primeiro e o segundo capítulos, e que compõem o substrato necessário à afirmação do humor como paradigma da sublimação, é um

trajeto privilegiado por meio do qual Kupermann nos conduz passo a passo ao que parece ser seu porto de chegada, qual seja o humor na clínica psicanalítica, questionado a partir da provocante indagação contida em “Por que rir nas análises”? Indagação que traz em seu bojo, no entanto, uma questão ainda mais crucial para a clínica, ou seja, à medida que a psicanálise se insere à uma contemporaneidade marcada pela falta de entusiasmo e pela impotência para pensar e agir, de que maneira pode o psicanalista contribuir, com seu ato, para a promoção de um saber alegre, em contraste com o saber triste, promovido por uma prática interpretativa, que expõe o sofrimento, mas não ajuda a lidar com ele, ou a agir na vida, apesar dele?

Ao fazer um contraponto entre a dimensão estética do humor, refletida muito mais na forma do que no conteúdo do que é dito, e na dimensão estética da clínica psicanalítica o autor busca, não por mera companhia, a parceria de Ferenczi, para quem a diminuição do sofrimento psíquico seria sempre a tarefa maior da psicanálise, e cujo percurso trilhado para alcançar a cura era, fundamentalmente, propiciar aos analisandos a faculdade introjetiva (sublimatória).

Palmilhando com intimidade e rigor o caminho traçado por Ferenczi desde a técnica ativa até a análise pelo jogo e sua ar-

ticulação com o traumático, passando pelas noções de tato, empatia e simpatia, e pela concepção das linguagens da ternura e da paixão, o que Kupermann pretende ressaltar, ratificando, é que a análise pelo jogo, na qual o analista dialoga com o infantil que diante dele se apresenta, permite trazer à tona a dimensão positiva da compulsão à repetição, como uma tentativa por parte do aparelho psíquico de introjetar. O analista, em contraste com a situação vivida anteriormente, faz aparecer o trauma, favorecendo as condições de introjeção. O jogo ferencziano, então, aposta na linguagem da ternura como própria ao diálogo com o infantil, concebendo-a como operadora desse contraste e significando-a por relação à expressividade do analista – seu tom de voz, a escolha das palavras e a hora de dizê-las, o ritmo da fala – o que reverbera na dimensão estética da psicanálise, pois que restitui à palavra sua carga afetiva, sua corporeidade, elementos que se perderam ao longo do tempo e da evolução da técnica, referida ainda, muitas vezes, mais ao conteúdo do que é dito do que à forma de dizê-lo.

Por outro lado, uma aproximação entre a linguagem da ternura e a linguagem humorística, sugerida pelo autor, é possível à medida que ambas permitem dizer dos afetos, vivendo simultaneamente a dor de sabê-los e o júbilo de dar-lhes novos sentidos. Isso legitima a constatação freudiana de que saber dói, referida à época da teoria da sedução, sem excluir, contudo, outra afirmação freudiana expressa no ensaio sobre o humor, de que é possível rir, ape-

sar da dor, e celebrar a vida mesmo diante da morte, que nos condena a todos.

Decifrar o enigma do resgate do humor por parte de Freud, à época em que o mal-estar se inscrevia definitivamente no discurso freudiano, se impôs a Daniel como mola precursora de seu trajeto; todavia, ao leitor talvez se imponha, como a mim se impôs, o enigma do título proposto pelo autor, invocado pela escolha da palavra “ousar”.

Se a tese defendida por Daniel privilegia uma prática analítica que favoreça a emergência de um saber alegre, definido como aumento da potência para pensar e agir no mundo, contrariando e até mesmo rechaçando o saber triste promovido por uma tradição interpretativa, ou o não-saber que caracteriza nossa contemporaneidade marcada pela medicalização, pela psiquiatrização e pela utilização de dispositivos que solapam o sofrimento mantendo o indivíduo apartado daquilo que o faz sofrer, pode-se afirmar, nesta ousadia, o humor; mas pode-se também inferir um mais além do que o atrevimento do riso entre analista e analisando.

Pode-se suspeitar que a proposta mais ampla e atrevida sugerida em *Ousar rir*, é a de resgatar a dimensão estética na prática analítica, o jogo e o lúdico, o corpo e o afeto, a magia do encontro e da palavra, trazendo de volta à cena analítica as noções de tato, empatia e simpatia, privilegiadas por Ferenczi.

Ousada proposta, porque para “sentir dentro” (*Einfühlung*) ou “sentir com” (*Mitfühlung*), mais do que ser convocado a testemunhar o sofrimento do outro, há o analista que se deixar afetar, há que ser o hospedeiro, no breve coincidir de um instante, das sensações e afetos vividos pelo outro, sendo somente por meio dessa ressonância entre analista e analisando, e do tato por ela engendrado, que o ato analítico ganha a força necessária e a sua ação transformadora. Ousada proposta, pois que implica o analista entrar no jogo, perdendo as garantias preestabelecidas pelos princípios clássicos da técnica, como a abstinência e a neutralidade. Mas se a proposta é ousada, é igualmente lícita, principalmente à medida que os analistas hoje se deparam com inúmeras questões que a contemporaneidade impõe e que os obrigam a refletir, cada vez mais, sobre a sua prática.

Nesse contexto, *Ousar rir* é um convite precioso que Daniel nos faz, tanto para repensar a Psicanálise à luz dos novos tempos, como para refletir sobre a possibilidade de transformar o ofício impossível numa prática que permita ao sujeito afirmar sua singularidade, erotizando a vida e celebrando o laço social.

Convite feito, caberá a cada leitor a ousadia de aceitá-lo.

NOTAS

1. M. Rasi, “Ida a Tupã”, in *A Alegria*, São Paulo, Publifolha, 2002, p. 49.